



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de inauguração da Unidade do Cimatec/Senai

Salvador-BA, 29 de outubro de 2007

Jornalista: Eu gostaria de saber o que senhor achou das notícias relacionadas ao governador Zeca do PT, havendo aí até uma suspeita de mensalão que ele pagaria.

Presidente: Primeiro, eu não li a notícia, minha filha. Lamento não poder te responder, só porque não sei da notícia.

Jornalista: Foi encontrado um livro-caixa do governo na época dele em que constaria o nome de várias pessoas ligadas...

Presidente: Então, a Justiça investiga.

Jornalista: Em relação ao pronunciamento do senhor, Presidente, eu gostaria de saber se aquele trecho em que o senhor estava falando que tem que votar porque é de interesse do País, o senhor estava se referindo especificamente à CPMF?

Presidente: Não, eu estava falando sobre tudo. Eu já fui deputado de oposição, fui líder da bancada do PT na Constituinte, e eu acho que em alguns momentos nós precisamos colocar o Brasil acima de qualquer divergência. Eu acho que posso dizer para vocês que vivo um momento singular no Brasil, acho que finalmente Deus botou a mão em cima do Brasil, porque as coisas estão dando certo, está tudo arrumado. E nós temos, agora, a chance de dar



um salto de qualidade na economia brasileira, no desenvolvimento do País, na geração de riqueza, na distribuição de riqueza. Queria ressaltar que nós temos uma safra de governadores extraordinária no Brasil, sobretudo no Nordeste nós temos um conjunto de governadores, todos muito jovens, quase todos governando pela primeira vez os estados, com uma vontade imensa de acertar, a começar pela Bahia, com o meu companheiro Jaques Wagner. A possibilidade da construção de parcerias com a Bahia é muito grande, muita coisa de infra-estrutura, desde a construção naval, às ferrovias, às rodovias, à recuperação da indústria cacaeira. A inauguração de uma escola técnica como esta é um sinal extraordinário de que a Bahia acredita como ninguém na sua industrialização, no seu desenvolvimento.

Então, eu acho que esse é o momento de todos nós nos dedicarmos a pensar no Brasil, a saber o que nós queremos no Brasil daqui a 15 anos ou 20 anos. Como não se pensou um tempo atrás, nós ficamos de 1980 até 2000, praticamente, com a economia estrangulada. Não crescia a construção civil, não crescia a indústria, as coisas parecendo todas mais ou menos atrofiadas. Vocês estão lembrados do que eu disse no começo do ano: vamos destravar este País, vamos fazer o País correr mais do que ele está correndo, andar mais rápido e se desenvolver. As oportunidades estão aí. Neste mundo globalizado não há espaço para quem está dormindo, nós temos que estar acordados, temos que viajar, temos que vender os produtos brasileiros, temos que construir parcerias entre empresas brasileiras e empresas estrangeiras, precisamos aplicar muito na inovação tecnológica, precisamos colocar mais jovens da periferia nas universidades. E tudo isso está acontecendo porque tudo isso está planejado, porque tem conselhos gestores cuidando para que as coisas aconteçam, e a minha prioridade agora é trabalhar para que não haja nenhum retrocesso, para que a gente possa garantir que esse crescimento seja definitivo e muito duradouro para o Brasil.



Jornalista: Presidente, caso não haja a aprovação da CPMF, o governo teria um plano B para garantir esse desenvolvimento, esse crescimento para os próximos 10, 15 anos?

Presidente: Se você trabalha com um plano B... eu não sei quem foi o louco que inventou o plano B. Se você começar a pensar no plano B, significa que você não está dando prioridade ao seu plano A. Eu tenho dito o seguinte: a CPMF não é um desejo do presidente da República, a CPMF é uma necessidade do Brasil. Todo mundo de bom senso sabe que ela tem que ser aprovada, porque não há como prescindir de 40 bilhões de reais. Eu venho aqui, à Bahia, e anuncio que nós vamos começar a construir mil e 100 quilômetros de ferrovias, que vamos fazer 524 quilômetros de estradas. Ora, tudo isso tem dinheiro. Se as pessoas acham que podem tirar o dinheiro do orçamento, as pessoas precisam assumir a responsabilidade de tirar, também, as obras do planejamento. Não é um problema meu, é um problema do País. Portanto, eu estou convencido de que a maioria tem bom senso, de que a maioria vai votar e vai ser aprovada, porque o Brasil precisa disso.

Jornalista: Presidente, o senhor negou essa história de terceiro mandato, mas alguns membros da oposição insistem em criticar essa posição.

Presidente: Minha filha, eu não posso dar opinião sobre o que a oposição pensa de mim.

Jornalista: Mas em relação ao que os seus aliados ainda articulam, a impressão que dá é que uma coisa...

Presidente: Primeiro, nenhum aliado falou comigo até agora. Eu fiquei surpreso quando, no sábado, eu pensando que ia ter uma pergunta do meu



aniversário, uma pessoa pergunta para mim do terceiro mandato. Eu já disse para vocês: democracia é bom demais, e a gente não pode brincar com democracia nos países da América Latina. Nós já sabemos da experiência das coisas na América Latina. A Constituição estabelece que você pode ter um mandato de quatro anos e uma reeleição. Se o Congresso Nacional quiser fazer a reforma política, todo mundo conhece a minha tese, eu sou favorável a um mandato maior do que quatro anos, sem reeleição. Agora, isso depende do Congresso Nacional, não depende de mim.

Jornalista: O senhor acha que dá para que essa tese, cinco anos de mandato, seja tomada ainda...

Presidente: Eu não sei. Eu agora estou quase proibido de tocar nesse assunto, porque eu não vou dar palpite agora no mandato do meu sucessor. Eu acho que o Congresso Nacional é que tem autoridade para fazer as mudanças que tiver que fazer. Tem 27 governadores, tem muitos partidos políticos, tem senadores, deputados e eles podem discutir.

Jornalista: Presidente, o senhor abriria mão, caso houvesse o direito a concorrer a um terceiro mandato?

Presidente: Não vai haver. Essa pergunta “se”, “se”, “se”, é só para dar uma manchete negativa de uma coisa que eu sei que você não quer escrever. Então, o que eu acho é que a gente não precisa mexer com coisa que não é prioridade. A prioridade agora não é terceiro mandato, a prioridade agora é consolidar o crescimento do Brasil, internamente e no mundo. O Brasil precisa se consolidar como uma grande nação, é essa a minha prioridade.

Eu agradeço a vocês, e até a próxima.